

Síntese – Exortação Apostólica *DILEXI TE:* *Sobre o Amor pelos Pobres* Papa Leão XIV

Ideias chave:

Reflexão sobre a centralidade do amor pelos pobres na vida cristã e eclesial | Recordar o compromisso moral nas relações com os necessitados, cada gesto visto como Revelação | Reconhecer múltiplas formas de pobreza: material, social, moral, etc. | Despojar-se de uma existência intrínseca de riqueza e sucesso | Recordar que Deus escolhe os pobres, revelando-se como o seu Messias | Preocupação pelo desenvolvimento humano integral dos últimos | Autenticidade das obras de misericórdia | O cuidado dos necessitados |

Sinopse:

O cuidado dos pobres faz parte da grande tradição da Igreja, como um farol que, a partir do Evangelho, iluminou os corações e os passos dos cristãos de todos os tempos. Devemos, portanto, sentir a urgência de convidar todos a mergulhar neste rio de luz e de vida que emana do reconhecimento de Cristo no rosto das pessoas necessitadas e que sofrem. Para nós, cristãos, a questão dos pobres reconduz-nos ao essencial da nossa fé; com efeito, os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria carne de Cristo.

Sumário:

Em profunda continuidade com a Encíclica *Dilexit Nos*, na qual o Papa Francisco aprofundou o mistério inexaurível do amor divino e humano do Coração de Jesus, o documento parte das palavras do Senhor: «Eu te amo» (Ap 3,9) e pretende sublinhar o forte nexo que existe entre o amor de Cristo e o seu apelo a fazer-nos próximos dos pobres.

INTRODUÇÃO

O início do primeiro capítulo recupera o texto evangélico em que Jesus defende a mulher que, reconhecendo nele o Messias sofredor, derrama sobre a Sua cabeça um perfume precioso. Ao afirmar que «Tereis sempre pobres entre vós, mas a mim nem sempre Me tereis» (Mt 26,8-11), Jesus revela que, embora pequeno, aquele gesto foi de uma profunda consolação para Ele e mostra que nenhum gesto de afeto, por mais pequeno que seja, será esquecido, especialmente quando é dirigido a alguém que sofre, está só e carente como se encontrava o Senhor naquela hora. E é nesta perspetiva que o afeto pelo Senhor se une ao afeto pelos pobres.

CAPÍTULO 1:

ALGUMAS PALAVRAS INDISPENSÁVEIS

A primeira figura que deve inspirar-nos é a do Santo de Assis. O jovem Francisco renasce pelo impacto com a realidade de cuja convivência é expulso, provocando um renascimento evangélico nos cristãos e na sociedade do seu tempo, que continua a ser uma inspiração, mesmo a 8 séculos de distância. A “opção preferencial pelos pobres” produz uma renovação na Igreja e na sociedade, quando conseguimos libertar-nos da autorreferencialidade e escutamos “o grito dos pobres”.

São Francisco (2)

A ilusão de uma felicidade baseada na riqueza e no sucesso a todo o custo alimenta *Preconceitos ideológicos* uma cultura que «descarta» os outros e é indiferente à morte pela fome ou a condições (4) de vida indignas. O Santo Padre sublinha que, na maioria dos casos, a pobreza não é acidental nem uma escolha, como sugere aquela falsa visão da meritocracia, segundo a qual apenas tem mérito quem teve sucesso na vida. Também os cristãos podem deixar-se influenciar por ideologias mundanas, como demonstra o facto de o exercício da caridade ser frequentemente desprezado ou ridicularizado.

Deus é amor misericordioso; Ele veio ao encontro das suas criaturas, cuidando da sua condição humana e, portanto, da sua pobreza. Precisamente para partilhar as limitações e a fragilidade da nossa natureza humana, Ele mesmo se fez pobre, compartilhando igualmente connosco a radical pobreza da morte. Assim, é fácil compreender a razão pela qual se pode também teologicamente falar de uma opção preferencial de Deus pelos pobres, “preferência” que não indica nunca uma exclusividade ou discriminação em relação a outros grupos.

Toda a história veterotestamentária da predileção de Deus pelos pobres e o desejo divino de escutar o seu grito encontra em Jesus de Nazaré a sua realização plena. Cristo «despojou-se de si próprio, tomando a condição de escravo, tornando-se semelhante aos homens» (Fil 2,7). Trata-se da mesma exclusão que caracteriza a definição dos pobres como excluídos da sociedade. Jesus é a revelação deste *privilegium pauperum*. Ele apresenta-se ao mundo, não só como Messias pobre, mas também como Messias dos pobres e para os pobres. Com efeito, Deus mostra uma predileção pelos pobres: são eles os primeiros destinatários da palavra de esperança e libertação do Senhor e, assim, mesmo em situação de pobreza ou fragilidade mais ninguém deve sentir-se abandonado.

Após a sua eleição, o Papa Francisco expressou o desejo de que o cuidado e a atenção aos pobres estivessem presentes de forma mais explícita na Igreja. Este desejo reflete a consciência de que a Igreja «reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo»¹. No capítulo são assim apresentados vários destes exemplos de santidade, que não pretendem ser exaustivos, mas antes ilustrar aquele cuidado pelos pobres que sempre caracterizou a presença da Igreja no mundo.

Desde o início que a Igreja sempre assumiu o cuidado dos pobres, como por exemplo através da instituição do diaconato por parte dos Apóstolos. Também nos séculos seguintes, esta atenção e cuidado particulares em relação aos últimos está patente em muitos padres da Igreja, na missão de congregações, tanto masculinas como femininas, na fundação das ordens mendicantes, bem como no papel específico de refúgio e formação dos últimos desempenhado pelos mosteiros. Em tempos mais recentes, esta missão foi continuada por tantos santos e santas empenhados na educação pobres e no acompanhamento dos migrantes e dos últimos, fossem eles doentes, prisioneiros ou escravos.

O cuidado dos necessitados é uma constante na vida da Igreja, que assume a sua forma mais recente também em tantos movimentos populares criados para defender os direitos dos pobres contra as causas estruturais da pobreza.

CAPÍTULO 2: DEUS ESCOLHE OS POBRES

Jesus, Messias pobre (7)

A Misericórdia em relação aos pobres na Bíblia (9)

CAPÍTULO 3: UMA IGREJA PARA OS POBRES

Os Padres da igreja e os Pobres (13)

Cuidado dos doentes (16)

Acompanhar os migrantes (24)

¹ CONC. ECUM. VAT. II, Cost. dogm. Lumen gentium, 8

A aceleração das transformações tecnológicas e sociais dos últimos dois séculos, repleta de contradições trágicas, não foi apenas suportada, mas também enfrentada e pensada pelos pobres (ex. movimentos de trabalhadores, mulheres e jovens). O contributo da Doutrina Social da Igreja contém igualmente em si esta raiz popular que importa não esquecer: seria inimaginável a sua releitura da Revelação cristã, nas modernas circunstâncias sociais, laborais, económicas e culturais, sem os leigos cristãos a braços com os desafios do seu tempo.

CAPÍTULO 4: UMA HISTÓRIA QUE CONTINUA

O século da Doutrina Social da igreja (29)

O magistério papal abordou a questão social com encíclicas como a *Rerum novarum* (1891) de Leão XIII e a *Mater et Magistra* (1961) de João XXIII. O Concílio Vaticano II, inicialmente pouco atento ao tema, recolocou-o no centro do debate, graças a João XXIII e Paulo VI, que salientaram a proximidade da Igreja com os pobres e os que sofrem. Documentos como *Gaudium et Spes* e *Populorum progressio* reafirmaram o destino universal dos bens. Com João Paulo II, consolidou-se a opção preferencial pelos pobres como expressão da caridade cristã. Bento XVI, na *Caritas in veritate* (2009), identificou o amor ao próximo como a busca do bem comum verdadeiro, denunciando os limites das instituições. O Papa Francisco valorizou o contributo das Conferências Episcopais latino-americanas. Na mesma linha, o magistério reiterou posteriormente que a missão da Igreja está indissociavelmente ligada à justiça e à solidariedade universal.

*Continuidade do
Magistério sobre a justiça
e a solidariedade universal*

A atenção da Igreja incide em dois elementos fundamentais: o reconhecimento da existência de “estruturas de pecado” que criam pobreza e desigualdades extremas, e a necessidade de considerar os pobres como “sujeitos” capazes de criar uma cultura própria, e não apenas como objetos de beneficência.

*Estruturas de pecado que
criam pobreza e
desigualdades
extremas (32)*

Estes são assim reconhecidos como sujeitos de evangelização e promoção humana integral e uma mais-valia para toda a Igreja, graças à sua sabedoria e experiência.

É, portanto, factual que a história bimilenária da Igreja com os pobres constitui uma parte essencial do seu caminho. O cuidado dos pobres faz parte da grande Tradição da Igreja, como um farol que, a partir do Evangelho, iluminou os corações e os passos dos cristãos de todos os tempos. Devemos, portanto, sentir a urgência de convidar todos a mergulhar neste rio de luz e de vida que emana do reconhecimento de Cristo no rosto das pessoas necessitadas e que sofrem.

CAPÍTULO 5: UM DESAFIO PERMANENTE

Os cristãos não podem considerar os pobres como um problema social, mas sim como uma «questão familiar», eles são «dos nossos». Neste sentido, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) convida-nos a refletir sobre a nossa atitude perante o ferido à borda da estrada. As palavras «Vai, e faz tu também do mesmo modo» (Lc 10,37) são um mandado quotidiano.

*Novamente o Bom
Samaritano (37)*

Em conclusão, a Exortação Apostólica recorda como o amor cristão vence todas as barreiras, aproxima os que estão longe, une os desconhecidos e torna familiares os inimigos. Este amor é profético, faz milagres e não tem limites. Uma Igreja que não põe limites ao amor, que não tem inimigos, mas apenas homens e mulheres para amar, é a Igreja de que o mundo necessita. Através do trabalho, da alteração das estruturas injustas e dos gestos de ajuda pessoal, o pobre poderá escutar as palavras de Jesus: «Eu te amo» (Ap 3,9).

*Ainda hoje,
dar (41)*